

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE**

**JÉSSICA MAGALHÃES GUERREIRO**

**O LEITOR CRÍTICO DE *DOM CASMURRO*: A  
DISCUSSÃO DO NARRATÁRIO**

**BEBEDOURO – SÃO PAULO  
2012**

JÉSSICA MAGALHÃES GUERREIRO

# O LEITOR CRÍTICO DE *DOM CASMURRO*: A DISCUSSÃO DO NARRATÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

**Orientador:** Prof. Phablo Roberto Marchis Fachin

BEBEDOURO – SÃO PAULO  
2012

GUERREIRO, Jéssica Magalhães;

O Leitor Crítico de Dom Casmurro: A Discussão do Narratário / Jéssica Magalhães Guerreiro – Bebedouro : Unifafibe, 2012.

35f. : il. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras - Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro, 2012.

Bibliografia: f. 28-29.

1. A Visão dos Críticos Estudiosos de Machado. 2. Teoria Literária da obra. 3. Análise da obra Dom Casmurro

I. Título.

JÉSSICA MAGALHÃES GUERREIRO

# O LEITOR CRÍTICO DE *DOM CASMURRO*: A DISCUSSÃO DO NARRATÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

**Orientador:** Prof. Phablo Roberto Marchis Fachin

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador:** Centro Universitário UNIFAFIBE  
Phablo Roberto Marchis Fachin

---

**Membro Convidado:** Profa. Msc. Mariângela Alonso

## AGRADECIMENTOS

à Deus, pela proteção que me deu desde o início da produção deste trabalho;

ao Prof. Ms. Phablo Roberto Marchis Fachin, pela orientação, confiança e paciência; também pelas discussões e incentivo para que o trabalho fosse perfeito, me possibilitando grande amadurecimento profissional e pessoal;

aos professores Dr. Rinaldo Guariglia e Dra. Mariângela Alonso, por me mostrarem o quanto este curso é maravilhoso e como podemos nos tornar grandes profissionais, quando não desistimos dos nossos objetivos;

à diretoria do Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro-SP, especialmente à Iná Izabel Faria Soares de Oliveira e à Aparecida do Carmo Frigeri Berchior (Cidinha), pelo apoio e confiança depositados em seus alunos; e à coordenadora do curso de Letras, Ms. Michelle Aranda Facchin, pelos incentivos para o crescimento e desenvolvimento do curso;

à minha melhor amiga Sabrina Sabino, anjo de luz que Deus colocou em minha vida, para que conseguisse enfrentar cada obstáculo de cabeça erguida, nunca desistindo de nada e conseguindo enxergar do que sou capaz. Quero ela na minha vida, para sempre ;

ao amigo Manoel Victor dos Santos Rodrigues, por toda a ajuda e tempo dedicado, por também me incentivar na caminhada diária e profissional;

à mãe Marina e ao pai Gildo, pelo apoio indescritível e pela confiança e carinho depositados durante toda a minha vida, e à irmã Juliana, meu orgulho, pela figura maravilhosa e confiante de sempre, sem eles eu não estaria aqui hoje;

ao restante da família, avós e tios e especialmente ao avô Mario, pessoa mais maravilhosa do mundo, que esteja onde estiver, sei que sempre orou por mim nesta caminhada;

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, levaram-me a refletir e a assumir posições, contribuindo com o meu amadurecimento pessoal e profissional.

A base de seus romances, como ele mesmo afirma em mais de uma ocasião, é mostrar o drama resultante da inter-relação de naturezas contrastantes.

CALDWELL (2002, p. 31)

## RESUMO

Este estudo examina algumas visões críticas da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que respondem pela análise e discussão do narratário, expondo as diversas visões críticas sobre a obra em questão e analisando-a quanto a sua teoria literária. Por meio da reflexão de críticos desde o lançamento dessa obra, como por exemplo, Pujol, até críticos modernos e muito discutidos, como Helen Caldwell e toda a sua análise sobre a obra. Utilizando a teoria literária, apresentaremos o narratário e toda a sua estrutura, também expondo uma análise completa quanto aos aspectos literários da obra, para que o estudo esteja completo. O texto crítico literário apresenta rompimentos com a tradicional escrita da obra, gerando um conflito diante de visões, muitas vezes, diferentes. O *cópus* de pesquisa é bibliográfico e compreende livros críticos, literários e artigos sobre a obra em questão.

**Palavras-chave:** Visões Críticas. Narratário. Críticos. Análise. Bibliográfico.

## ABSTRACT

This study examines some critical views of the work Don Casmurro, Machado de Assis, who are responsible for the analysis and discussion of the narratee, exposing the various critical views about the work in question and analyzing it as his literary theory. Through the reflection of critics since launching this work, eg, Pujol, until modern critics and much discussed, as Helen Caldwell and his entire analysis of the work. Using literary theory, we present the narratee and the whole structure, also exposing a complete analysis about the literary aspects of the work, so the study is complete. The text presents literary critic breaks with traditional written work, creating a conflict before visions often different. The corpus of research is critical bibliographic and comprises books, and articles about the literary work in question.

**Keywords:** Critical Visions. Narratee. Critics. Analysis. Bibliographic.



## SUMÁRIO

Introdução .....	09
1 A Visão dos Críticos Estudiosos de Machado .....	11
1.1 As Críticas Mais Antigas a <i>Dom Casmurro</i> .....	13
1.2 Críticas Atuais a <i>Dom Casmurro</i> .....	14
2 Teoria Literária da Obra .....	18
2.1 Os Tipos de Leitores .....	18
2.1.1 O Leitor Crítico Profissional.....	18
2.1.2 O Leitor Crítico Leigo .....	19
2.2 O Narratário .....	19
2.3 A Metalepse.....	21
3 Análise da Obra <i>Dom Casmurro</i> .....	23
3.1 O Ciúme de Bentinho e os Olhos de Capitu .....	23
3.2 Capitu: Culpada ou Inocente .....	24
4 Considerações Finais .....	26
Referências .....	28
Anexo.....	30

## INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa consiste em fazer uma análise literária do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, por meio de críticas literárias e estudo do narratário.

Este trabalho monográfico está inserido na área de pesquisa de Literatura Brasileira, pois traz a análise de uma das mais conhecidas obras da Literatura Brasileira. A linha de pesquisa é o estudo da narrativa da Literatura Brasileira, a qual analisa por meio de críticas literárias e estudo da teoria, toda esta obra de Machado de Assis.

O estudo proposto traz as chances de o leitor comum investigar e conhecer a obra em seus mínimos detalhes, conseguindo expor suas visões sobre o tema tratado. Machado de Assis, um dos melhores escritores de todos os tempos, mostra em sua escrita, a paixão. Então, o leitor tem vontade de ler e de investigar o que irá acontecer. Pois este autor deixa sempre um pensamento de dúvida em relação ao que aconteceu depois ou qual realmente é o final da história, expondo mistério e curiosidade em suas obras. Através de visões críticas de autores antigos e modernos, será feita a análise sobre determinado assunto, criticando ou concordando com o comportamento das personagens e expondo diversas visões. Será seguida a linha de pesquisa da Literatura Brasileira, estudando a fundo, as determinadas narrativas críticas existentes sobre o tema. O *corpus* consiste em análises de livros críticos, teóricos e argumentos publicados. Com tal análise crítica, tentar-se-á conhecer a sociedade da época de Machado de Assis, por meio da visão dos leitores críticos da obra *Dom Casmurro*, com o objetivo de contribuir para que um debate crítico sobre esta obra seja gerado, a fim de conhecê-la em detalhes e também suas características, atentando sempre para o estilo machadiano, ou seja, para o vasculhamento da alma das personagens à crítica social, analisando as visões de autores já citados, o que contribuirá com o enriquecimento crítico-teórico da obra, que ainda hoje, pouco é analisado.

Dos estudiosos mais importantes de Machado, em *Dom Casmurro*, Helen Caldwell, crítica moderna, em *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*, será utilizada na análise, pois tentaremos demonstrar que não é somente a visão de um crítico que concretiza de tal modo, determinada obra. Caldwell desmonta o mito da traição e

levanta outras possibilidades de leitura, mudando o paradigma de interpretação brasileiro de tal obra, ela nos apresenta uma nova visão para o livro *Dom Casmurro*, o que por muito tempo as pessoas julgavam a personagem “Capitolina” como sendo culpada. Porém Caldwell (2008) aborda o outro lado da história, o da personagem “Bento Santiago”, mostrando a culpa do bacharel desde o seu próprio nome, chegando a afirmar após toda a análise da obra: “Sim. Capitu traiu sim Bentinho. Pelo menos (e talvez somente) na imaginação. De Bentinho.”

Para que seja atingido o objetivo proposto, o trabalho contará com cotejos dos seguintes autores críticos: Romero (1897), Matos (1939), Pereira (1958), Bosi (1999), Caldwell (2000), Meyer (2008), sobre Machado de Assis, e abordará as diferentes visões críticas em relação à obra, uma vez que a própria crítica faz com que o leitor enxergue finezas que somente um escritor criativo nos apresenta.

Dessa forma, o presente trabalho está organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo trata das visões críticas dos estudiosos de Machado de Assis. Críticas estas que vão desde as mais antigas à obra *Dom Casmurro*, até as mais atuais.

O segundo capítulo mostrará as definições do estudo de tipos de leitores, que definem e diferem o leitor crítico profissional do leitor crítico leigo, estudando também o narratário e a metalepse, que se fazem tão presentes na obra de Machado de Assis. Lembrando que, será dado mais ênfase a questão do narratário da obra, discutindo-o e empregando-o, dentro do texto.

O terceiro capítulo será uma análise da obra, dos personagens principais, o ciúme de Bentinho e os olhos de Capitu, e finaliza com uma análise de que Capitu seja culpada ou inocente.

Nos anexos serão apresentados trechos da obra *Dom Casmurro*, que aparecem em Lopes (2001), como que uma seleção de suas frases preferidas nas obras de Machado.

## 1. A visão dos críticos estudiosos de Machado

Machado de Assis é um autor muito estudado, com obras comparadas e analisadas tanto por críticos contemporâneos a ele, bem como por posteriores. O presente capítulo apresenta variadas visões desse críticos, suas opiniões sobre o autor e sobre o livro *Dom Casmurro*.

A obra *Dom Casmurro*, publicada em 1900, será analisada, expondo diversas visões de críticos da época de Machado, até os dias de hoje, tanto leitores profissionais como todos os críticos já citados no trabalho, quanto leitores leigos, que são leitores comuns, que não lêem as obras a fim de ter uma crítica formal em relação a elas.

Podemos observar os primeiros críticos de Machado como Romero (1897), Matos (1939) e Astrojildo Pereira (1958). E os mais recentes como Bosi (1999), Zilberman (1989), Coutinho (1990), Caldwell (2002), entre outros críticos também importantes. Gledson (1991) e Caldwell (2002), por exemplo, dizem que um romance anterior de Machado é o esboço ou germe de um romance posterior. Assim, esses estudiosos analisam as obras entre si, comparando-as, fazendo com que os romances anteriores possam esclarecer os romances posteriores, quando fazem, por exemplo, a comparação entre *Casa Velha* e *Dom Casmurro*, ou entre *Ressurreição* e *Dom Casmurro*.

Crítica atual à obra, Caldwell (2002) começa a sua defesa a Capitu e se faz a seguinte indagação: “E o veredito. Como Santiago observa profeticamente no início do capítulo XCVIII, *Venceu a Razão*, isto é, venceu o argumento legal. Praticamente três gerações – pelo menos de críticos – julgaram Capitu culpada.” (CALDWELL, 2002, p. 100)

Em determinados romances de Machado, como *Dom Casmurro*, o ciúme é utilizado como um fato de comparação entre as obras por parte de críticos, como Roberto Schwarz e Helen Caldwell. Portanto, com base, nos críticos já citados anteriormente, desde a época de Machado até a modernidade, a obra *Dom Casmurro* será analisada com fundamentações teóricas.

Para Candido (1993, p. 213) Gomes talvez possa ser “considerado o primeiro comparatista propriamente dito na crítica brasileira”. Contudo, em sua leitura,

“elaborou notáveis estudos sobre influências inglesas em Machado de Assis”. (Ibid, p. 213).

Variando de estudiosos, ao falar sobre Machado, Bosi, outro crítico do escritor, afirma que sua obra é “o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira (...)” (BOSI, 1999, p. 174). Assim, podemos notar que Machado se fez também bastante importante no estilo realista, além do romantismo.

Há até mesmo os estudiosos que preferem não falar sobre a passagem de uma época à outra, de um estilo ao outro, e sim falar sobre uma continuação melhorada de uma fase para outra, como um certo tipo de melhoramento no decorrer das obras machadianas. Para Coutinho, a opinião é a de que não existe uma ruptura de fases na obra de Machado, afirmando acreditar que existe, sim, uma continuidade, apesar de que houve um grande trabalho, “se existe diferença [entre os livros], não há oposição, mas sim desabrochamento, amadurecimento” (COUTINHO, 1990, p. 29):

Reagindo contra a norma romântica, não se deixou, todavia, seduzir pelas falácias da novidade naturalista. Não foi homem de escolas, no sentido estrito. [...] Sua obra está repleta de amostras desse dom da conciliação entre o romântico e o naturalista, de modo personalíssimo (COUTINHO, 1990, p. 31).

Silviano Santiago (1978), também afirma que a obra do escritor não deve ser dividida em duas épocas, coincidindo com algumas ideias de Coutinho. E ainda demonstra alguns equívocos em relação a crítica da obra do escritor, citando Augusto Meyer, que disse que a obra de Machado é monótona, com repetições de certos episódios. Para Santiago, as “repetições” de Machado são reestruturações dos escritos anteriores, rearticulando nos livros posteriores de forma “mais complexas e mais sofisticadas.” (SANTIAGO, 1978, p. 30).

Enfim, podemos notar que Machado tem sua própria escola literária, que as obras e o estilo machadiano têm inúmeras possibilidades de leitura e interpretação, e cada crítico tem ponto de vistas diferentes, demonstrando assim a imensidão dos textos de Machado e principalmente em *Dom Casmurro*.

Um crítico muito conhecido e que foca nas obras de Machado é Hélio de Seixas Guimarães (2004), que afirma que “seus narradores sistematicamente desafiam a expectativa dos seus interlocutores, apontando sempre para a

necessidade não apenas de um novo tipo de literatura, mas de um novo tipo de leitor.”

### 1.1 As críticas mais antigas a *Dom Casmurro*

Machado, como um escritor único e maduro em seu modo de escrever, foi e continua sendo alvo de estudos e comparações. O escritor publicou *Dom Casmurro* no ano de 1900. Com a publicação da obra, recebeu críticas de diversos leitores, tanto estudiosos profissionais como dos leitores leigos:

A maturidade da obra de Machado e a institucionalização da crítica proporcionaram muitas leituras e debates sobre a obra do autor. É a partir desse momento que começavam a encarar “a literatura como objeto elevado, e não mero passatempo” (ZILBERMAN, 1989, p. 89).

No século XIX, a crítica literária, passa a ter grande importância no Brasil, sendo exercida, em sua maioria, por escritores renomados ou intelectuais, que trabalhavam em jornais.

[...] o fato da crítica só ter meios de interpretar Machado quando a obra dele ia avançada repercute sobre o modo de a encarar. Também a circunstância de predominar o foco evolucionista, originário do positivismo, teve efeitos determinados e ainda dominantes na recepção daquele escritor (ZILBERMAN, 1989, p. 90).

Outro crítico à obra *Dom Casmurro* foi Mário Matos, que seguiu e aprofundou a visão de Meyer, afirmando a obra de Machado, se for comparada a outros romances anteriores, é a menos artificial de todas, pois se encontra calor e força comunicativa. Ele deixa claro que: “o adultério é uma previsão do subconsciente do leitor, que o adivinha desde a afeição brotada entre os dois.” (MATOS, 1939, p. 232). Ao término de seu livro, Matos diz que *Dom Casmurro* é classificado pela sua profundidade emocional, pela curiosidade de pensamento e originalidade do tema, sendo o melhor romance de Machado.

Já Alfredo Pujol (2007), apresenta uma conferência em 1916, tendo *Dom Casmurro* como um dos temas. Inicia a conferência afirmando que era um livro cruel e que a personagem, Bento Santiago, era uma “alma cândida e boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e para a ternura”.

Em relação à *Dom Casmurro*, o crítico Astrojildo Pereira publica sua obra, *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*, de 1958, analisando Capitu como:

Dom Casmurro, finalmente, nos apresenta Capitu, tipo de extraordinária vitalidade, soma e fusão de múltiplas personalidades, espécie de supermulher toda ela só instinto metida na pele de uma perversa requintada e imprevisível. (PEREIRA, 1958, p. 24)

Enfim, *Dom Casmurro*, bem como em todas as obras, há opiniões diferentes entre os críticos. Miguel-Pereira (1949, p. 13) faz uma ligação da obra de Machado à crítica. A estudiosa afirma que as relações de suas personagens estão ligadas ao tipo de vida que o autor viveu, quando ainda era jovem. A crítica e biógrafa de Machado diz: “Quanto a mim, creio ser impossível a obra de Machado sem estudar-lhe a vida, sem procurar entender-lhe o caráter.” (PEREIRA, 1949, p. 13). A autora analisa os primeiros romances de Machado de Assis, relacionando as atitudes das personagens-protagonistas com as de Machado. Suas heroínas, por exemplo, são de classe inferior. Lúcia Miguel-Pereira, ao fazer a sua leitura, talvez deixe pairar algumas dúvidas de que Machado talvez coloque na sua própria experiência de vida, de condição social nesses romances. Dessa forma, o papel (a literatura) seria o local discreto para debater um problema pessoal. (PEREIRA, 1949, p. 117).

Variadas são as opiniões, muitos foram e são os críticos de Machado de Assis, a maioria, totalmente adepta e apreciadora do seu estilo único, porém, não nos resta dúvidas de que Machado de Assis foi um escritor diferente de todos outros, único e especial. Portanto, o autor foi e é muito estudado até os dias atuais.

## **1.2 Críticas atuais a Dom Casmurro**

Para Caldwell (2002, p. 18), o ciúme nunca deixou de fascinar Machado de Assis. Em suas obras, o autor faz pausas para manipular uma manifestação de ciúme de uma forma bem lenta. Assim, o ciúme tem um relevante lugar em seus romances, e na obra em especial, Machado narra a invenção e imaginação do protagonista Santiago, chamando a si próprio de “Otelo”, que em contrapartida parece-se mais com “honesto lago”, pelas características de franqueza, calma imparcialidade e raciocínio semelhantes ao personagem citado, aparentando ser um homem sutil e principalmente defensor total de si mesmo. *Dom Casmurro* é um

apelido que lhe foi dado talvez pelo motivo de ser ensimesmado, teimoso, implicante e viver interessado por seus pensamentos e conceitos.

É ele mesmo quem revela que se trata da história de Otelo, mas com uma certa diferença muito importante: sua Desdêmona é culpada. (CALDWELL, 2002, 21)

Caldwell (2002, p. 31) diz que Machado de Assis, em contraste com a criatura Santiago, não tinha o hábito de escrever romances de intriga e que a base de seus romances, como ele mesmo afirma em mais de uma ocasião, é mostrar o drama resultante da inter-relação de naturezas contrastantes. Ele acredita evidentemente ser esta a única base para um enredo. É Santiago quem escreve sua estória, mas os nomes dos personagens – com exceção de Ezequiel – foram conferidos pelo autor real. Eles representam o elemento do romance que pode, com absoluta certeza, ser posto na conta de Machado e o autor não nomeia seus personagens ao acaso. Um estudo de seus outros romances e contos revela sua destreza nessa matéria. Via de regra, ele emprega sobrenomes portugueses que remetem aos navegadores ou às figuras proeminentes dos primórdios do Brasil colonial. (CALDWELL, 2002, p. 55)

Daí pode ser notada a inteligência de Machado que fazia a diferença em suas obras e estabelecia a conexão feita com a sociedade da época e às suas características, como exemplo o citado acima em relação aos nomes.

Para Caldwell (2002, p. 90), aparentemente, Santiago não tem consciência da importância de suas próprias palavras, pois mais uma vez, o autor reverte os sinais. Ele intitula o capítulo final do episódio Manduca, “O diabo não é tão feio como se pinta” e recorre a alguns coloridos para passar a impressão de que o diabo está representado em Manduca. Mas, obviamente, o diabo está em Santiago.

Machado vai a fundo e faz comparações que põem mais do que vida em seus personagens, usando até mesmo passagens da bíblia para elucidar suas obras e dar o sentido desejado ao tipo de personalidade e a transformação que cada indivíduo sofre em sua narrativa.

Caldwell começa assim a sua defesa a Capitu e se faz a seguinte indagação: “E o veredito. Como Santiago observa profeticamente no início do capítulo XCVIII, *Venceu a Razão*, isto é, venceu o argumento legal. Praticamente três gerações – pelo menos de críticos – julgaram Capitu culpada.” (CALDWELL, 2002, p. 100)

Assim, em sua defesa, a crítica acaba comparando Capitu a Vênus que nasceu do mar, a mãe do povo português e diz que a moça é pura feminilidade portuguesa, que é um amor encarnado, de naturalidade e que se faz contra o amor próprio que é Casmurro, e pela alma, que é Bento de Santiago.

Outro crítico moderno, que também se dedicou e muito às análises das obras de Machado, é Roberto Schwarz (1997), que analisa a obra de Machado, em forma de enigma, de armadilhas. O autor diz que foi preciso mais de sessenta anos para que a obra fosse realmente desvendada, fazendo relação com a crítica Helen Caldwell:

Acaso ou não, só sessenta anos depois de publicado e muito reeditado o romance, uma professora norte-americana (por ser mulher? por ser estrangeira? por ser protestante?) começou a encarar a figura de Bento Santiago – o Casmurro – com o necessário pé atrás. (SCHWARZ, 1997, p. 09)

Para Schwarz (1997, p. 18), observando as relações estabelecidas pela população leitora, percebemos que, se trata de uma molécula social típica do Brasil colonial, que tem-se no centro, um proprietário, de início Dona Glória, tomando forma de autoridade paternal.

Apesar de muitos estudos sobre a obra em questão, ainda restavam muitas dúvidas, como por exemplo, descobrir quem seriam os leitores contemporâneos de Machado, as reações perante a publicação da obra e a quem se dirigiam os narradores das obras machadianas. Hélio de Seixas Guimarães (2004) tentou desvendar todos esses mistérios em sua obra *Os Leitores de Machado de Assis: O Romance Machadiano e o Público de Literatura no Século 19*, que foi dividida em três partes. Na primeira, analisou documentos para recuperar o contexto da época, na segunda analisou textos ficcionais e não ficcionais e a terceira parte, há um anexo com resenhas dos romances machadianos publicadas quando ocorreu seu surgimento:

Machado constrói um narrador que, embora procure convencer-nos de dizer tudo e toda a verdade e de ter o controle absoluto sobre a narração, é explicitamente apresentado como um sujeito falho, incompleto e dependente do outro para se constituir e para se legitimar enquanto narrador. (GUIMARÃES, 2004, p. 224)

Concluindo, pode-se expor diversas visões sobre a obra *Dom Casmurro*, porém nenhuma delas, conseguirá de fato, explicar o que tem de tão misterioso nas linhas dessa obra e na literariedade de Machado de Assis. Proporcionando ao leitor leigo conseguir identificar as diversas visões, tomando o seu posicionamento a respeito.

## 2. Teoria literária da obra

Um estudo da teoria da literatura será feito, para base da análise da obra *Dom Casmurro*. Serão definidos o leitor crítico profissional, o leitor crítico leigo, o narratário e a metalepse. Para que sejam observados, na obra em questão. Será dado mais ênfase a questão do narratário da obra, para que essa seja analisada com mais detalhamento.

### 2.1 Os tipos de leitores

Na obra *Forma e sentido do texto literário*, pode-se perceber o estudo da narrativa como:

Entendemos por narrativa todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam um tempo e num espaço determinados. Nesse sentido amplo, o conceito de narrativa não se restringe apenas ao romance, ao conto e à novela, mas abrange também o épico e outras formas menores de literatura. (D'ONOFRIO, 2007, p. 46)

Para a análise e interpretação dos fatos de determinada obra, foram distinguidos os tipos de leitores. Ambos são leitores críticos, porém, existem os profissionais, que já tem uma base teórica e são renomados e os leigos, que seria a própria visão da sociedade, os leitores comuns, que apenas querem expor a sua opinião sobre determinada obra. Ambos já foram expostos no capítulo anterior. Porém, Guimarães analisa leitor, como condição de intérprete: “completando lacunas, tirando conclusões e fazendo julgamentos do que lhe é relatado.” (GUIMARÃES, 2004, p. 213).

#### 2.1.1 O leitor crítico profissional

Segundo o dicionário online de português, a palavra leitor significa: “Aquele que lê para si mesmo; que tem o hábito ou o gosto de ler: é um leitor incansável.” “Aquele que lê o que outros escrevem: um romancista que agrada a seus leitores.” A palavra crítico significa: “Relativo à crítica; que se funda em critério, que estabelece juízo de valor para obras artísticas, científicas etc.: estudo crítico.” E profissional significa: “Pessoa que faz uma coisa por profissão (por opos. a amador).”

Concluindo, leitor crítico profissional, é o leitor consagrado ou ao menos conhecido, ou seja, aquele leitor que normalmente já possui obra publicada ou que são autores renomados, expondo sua visão sobre determinada obra ou determinado autor. No caso da obra *Dom Casmurro*, alguns desses leitores são, Caldwell (2002), Schwarz (1997), Pujol (2007). Para o presente estudo, foram expostas principalmente, as visões críticas dos leitores profissionais, comparando-as entre si.

### **2.1.2 O leitor crítico leigo**

Já leitor crítico leigo, definido pelo dicionário online de português, traz a definição das palavras, como leigo significa: “Que ou aquele que não tem ordens sacras, que não é eclesiástico; laical. Que ou aquele que é estranho ou alheio a um assunto, que não é perito nem entendido em determinadas questões ou profissões.”

Concluindo, o leitor crítico leigo, é aquele que mesmo não entendendo de muita coisa sobre determinado assunto, resolve expor o que pensa sobre determinada obra ou algo em questão, que acaba de ler, ou até mesmo sobre determinado autor, é a visão da sociedade, das pessoas comuns, que apenas se interessam pela leitura. Não possuindo a interferência da igreja, e nem necessitando ser dela, para expor o que pensa.

## **2.2 O narratário**

Gerald Prince (apud ARMANGE, 2004, p. 43) afirma que, assim como a narrativa possui ao menos um narrador, da mesma maneira, contém, pelo menos um narratário, que é a entidade a quem ele se dirige: “em uma narrativa de ficção – em um conto, uma epopéia, um romance – o narrador é uma criatura fictícia como seu narratário”.

O narratário é a entidade a quem o narrador narra a história. É aquele para quem se conta um fato. Enquanto a existência do narrador é perceptível, a do narratário é menos visível, pois o narrador revela a sua presença, através do discurso que elabora, enquanto o narratário pode ser identificado explicitamente pelo narrador. Normalmente, não se encontra ao longo do discurso do narrador, nenhuma referência ao narratário, ignorando a sua existência. Porém, sempre existe um

narratário, cuja existência é exigida pela própria existência do narrador, já que quem narra, narra para alguém. O narratário nunca se confunde com o leitor/ouvinte.

Para Armange (2004, p. 45) o narratário se correlaciona apenas com o narrador, pois suas funções são “paralelos” exatos, ambos são elementos textuais, diferentemente dos leitores, virtuais ou reais, que se correlacionam sempre com o autor. Enfim, o narratário sempre existe e sempre está presente, seja ele mencionado ou não, porque toda narrativa possui um destinatário da mensagem do emissor, porém ele não pode ser relacionado aos tipos de leitores já citados, pois não pertencem ao mesmo nível.

Ora, se em uma narrativa há sempre a figura do narrador, e também do narratário, que como já foi dito é aquele para quem se conta um fato. *Dom Casmurro*, que é uma obra de ficção, uma simulação de um processo comunicativo completo, pode-se concluir que no caso da obra, o narrador optou por deixar o narratário explícito no texto, visto que o narrador estabelece com o leitor um tipo de comunicação direta, em diferentes graus.

De acordo com Bardari (2010, p. 1), na verdade, o texto narrativo, real ou fictício, é uma simulação de um processo comunicativo completo, em que alguém relata acontecimentos para outro alguém. Havendo então um emissor e um receptor da mensagem, em que o narrador tem de considerar o tipo de leitor à quem escreve e dessa forma se adaptando em sua forma de linguagem em concordância com a capacidade de ler do narratário.

Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis faz uso de uma comunicação direta com o leitor e já inicia explicando o título de sua obra que diz o seguinte ao narratário: “\_ Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs vulgo de homem calado e metido consigo”. Nota-se que fazendo uso da segunda pessoa em sua citação, o narrador da obra conversa de uma forma direta com o leitor, sem que determine alguém.

Narratário desta obra, o leitor é envolvido, pois o narrador conversa com ele, envolvendo-o na trama, fazendo com que acredite em todas as suas afirmações, suposições e pensamentos. O narrador tenta fazer com que o narratário fique envolvido e se convença da traição, da sedução de Capitu. E fazendo uma análise em relação ao contexto da época e do estilo em que Machado escreveu a obra, pode-se perceber as críticas sociais em *Dom Casmurro*, em que o personagem-narrador faz uso de vários artifícios, tentando convencer com seus argumentos,

usando metáforas, digressões, prendendo o leitor ao seu raciocínio, que causa dúvida, porém nada prova concretamente, e que acaba por mostrar a contradição do ser humano e da sociedade da época. É um tratado sobre o olhar, sobre os olhos da alma, em que Bentinho relata o seu próprio olhar e pensamento, visto que Machado de Assis foi tido como um exímio crítico social de seu tempo e como sabia fazer uso de artimanhas que acabassem por investigar o psicológico das personagens envolvendo o psicológico do narratário, de tal forma que vasculha e investiga o comportamento do homem.

### 2.3 A metalepse

A metalepse ocorre quando há no texto o amálgama entre o nível de ficção e da realidade. A forma mais simples da metalepse é quando o narrador faz interrupções no meio da narração para que introduza um discurso que ajude o leitor do entendimento da história. *Dom Casmurro* tem muito desta característica. Por exemplo, logo no início do segundo capítulo, quando Bento Santiago está falando de si, contando que vive só, em casa própria, com vida pacata, começa a falar sobre o seu fim evidente ao atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência, pois não conseguiu recompor o que foi.

Outro exemplo, no capítulo VII, o narrador descreve a mãe, conta uma breve história da vida de sua mãe, suas características mais marcantes e quando inicia o capítulo seguinte, volta ao tempo, fazendo mais uma interrupção e voltando àquela tarde de novembro em que cita como princípio de sua vida.

O teórico Gérard Genette transpôs a metalepse – figura retórica da permutação – para o domínio da narratologia e da teoria da ficção definindo-a como: “toda intrusão do narrador ou do narratário extradiegético no universo diegético (ou de personagens diegéticas no plano metadieético), ou inversamente”. (GENETTE apud HEINEBERG, 2008, p. 43-44).

Sendo assim, a autora nos explica que “a metalepse é um tipo de passagem mágica” (HEINEBERG, 2008, p. 44). Uma passagem que se dá no mundo do texto e que deveria estar fora dele. A metalepse, por sua definição, nos dá a permissão de abordar a figuração do autor e a do leitor. Dessa forma, em variados textos podemos encontrar as recapitulações que são como interrupções nos episódios.

De acordo com Heineberg (2008, p. 44) a metalepse também pode ser usada para imitar um certo estilo, para divertir o leitor ou visando a um efeito fantástico, misturando as fronteiras do real e da ficção. À proporção que os textos mostram o papel do narrador e desenvolvem a narrativa, as metalepses se fazem em maiores proporções no texto. Exemplificando e comprovando o que foi abordado, temos a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2009), que também faz uso desse termo: “Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; [...]” Outro trecho dessa obra seria “Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, [...]”

### 3. Análise da obra *Dom Casmurro*

*Dom Casmurro*, lançado em 1900, época do realismo brasileiro, é considerado uma obra-prima, sendo uma das principais obras de Machado de Assis, autor considerado por muitos o maior escritor brasileiro e quiçá um dos maiores do mundo literário. Foi uma obra publicada em um período em que havia crises sucessivas no regime monárquico, revoltas em todo o território brasileiro, agitações militares, lutas de classes sociais divididas, campanhas pela queda da monarquia e pelo fim da escravatura, dentre outros problemas sociais.

É uma obra dividida em 148 capítulos, narrada em primeira pessoa por Bento Santiago, que relata a história de sua própria vida, como se fosse uma pseudo-biografia de um homem solitário, que não se desprende do passado. A história dá-se na cidade do Rio de Janeiro e o tempo é cronológico, com ano de 1857 como primeira referência, e cada período é fechado com um ciclo de 7 anos, desde a ascensão ao declínio do personagem. Possui elemento psicológico predominante no enredo, com narrativa digressiva, a todo momento interrompida com fugas de linearidade, acrescentando-se pensamentos e lembranças do narrador.

Os personagens se apresentam por meio de descrições físicas, com mais defeitos do que qualidades, bem como o adultério, características importantes do realismo, que foi o estilo de época da segunda metade do século XIX, com fortes características de oposição ao romantismo. Machado de Assis, em *Dom Casmurro* narra e discute ao mesmo tempo o modo de narrar, fazendo uma auto-explicação, praticando assim o uso da metalinguagem, que tem um papel muito importante na obra criando uma certa cumplicidade, uma intimidade com o leitor, que participa no ato de narrar, deixando de ser um leitor passivo, ao transcender o texto.

#### 3.1 O ciúme de Bentinho e os olhos de Capitu

*Dom Casmurro* reflete uma quebra de valores românticos entre o triângulo de Bento, Capitu e Escobar, característica do estilo realista, o que podemos observar em outras obras realistas, como por exemplo, *Madame Bovary* e *Primo Basílio*, do escritor Eça de Queirós.

Bentinho, com seu grande sentimento de ciúme, demonstra insegurança perante o poder feminino de Capitu. Na obra, o narrador demonstra fortemente a sua

opinião em relação à mulher amada, que é o foco narrativo da trama. Ao decorrer da narrativa, José Dias faz uso de uma metáfora que enlaça toda a obra e que dá ênfase aos olhos de Capitu, dizendo que a amada possui “olhos de ressaca”, que são os olhos que indicam mistério, como o mistério do mar, pois Capitu era assim, profunda, misteriosa e apaixonante, e é o local em que Escobar morre afogado, em uma ressaca, no mar. E os olhos de ressaca que Bento vê em Capitu, quando chora por Escobar no leito de morte.

Capitu ainda tem “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, o que pode ser o seu maior defeito, que age com malícia e é fingida, uma mulher misteriosa que carrega o maior dos maiores segredos, que é a desconfiança propriamente gerada nos pensamentos de Bento, enquanto ele é envolvido em seus “olhos de ressaca” que ainda indica o grande poder de sedução que Capitu possui. Porém, pode-se notar que aí estão somente as divagações do narrador, somente a sua opinião e dedução sobre os acontecimentos e toda a sua história.

Em *Dom Casmurro*, o personagem-narrador faz uso de vários artifícios, como se fosse um advogado, que tenta convencer com seus argumentos, usando de metáforas, digressões, e até mesmo alusões ao Livro Sagrado, prendendo o leitor ao seu raciocínio, que causa dúvida. Porém, nada prova concretamente o adultério, o que acaba mostrando a contradição do ser humano e da sociedade da época.

Enfim, *Dom Casmurro* é um tratado sobre o olhar, sobre os olhos da alma, emblemática e misteriosa, em que Bentinho relata sobre seu próprio olhar, seu próprio pensamento, olhando Capitu e analisando seus olhos, hora olhos de ressaca, hora olhos de cigana como preferia descrevê-los.

### **3.2 Capitu: culpada ou inocente**

Nesta obra de Machado de Assis não podemos afirmar se ocorreu ou não o adultério. Os fatos nos deixam dúvidas, porém não há comprovação nenhuma de que Capitu traiu Bento com seu amigo Escobar. Bentinho narra a história como a vê. Na narrativa existem divergências sobre a traição, como exemplo o fato de o filho do casal parecer-se muito com Escobar, e também o fato de Bentinho não ter visto a traição, o que pode levar o leitor a pensar como bem quiser. E além de tudo, a visão dos acontecimentos ocorre parcialmente, sendo somente Bentinho quem conta a história, podendo seus pensamentos e suposições não passar de pura ilusão.

Diferentes críticos e estudiosos já firmaram suas teses, sem chegar a uma análise conclusiva, porém o que se pode ter certeza é uma única coisa: a certeza da dúvida. A obra é marcada pelo uso do narratário e da metalepse, bem percebidos durante toda a obra. Como já foi tratado anteriormente, estes mecanismos trazem os leitores para dentro da história, pois Machado de Assis, tenta seduzir seus leitores para que estes, deixem claro suas opiniões.

#### 4. Considerações Finais

Como obtenção dos resultados da pesquisa em *Dom Casmurro*, podemos notar que este trabalho monográfico está inserido na área de pesquisa de Literatura Brasileira e que tratou da análise de uma das mais conhecidas obras de Machado de Assis: *Dom Casmurro*, com linha de pesquisa em estudo da narrativa analisado por meio de críticas literárias de diferenciados estudiosos de Machado de Assis e também por meio do estudo da teoria literária.

Em relação às críticas, observou-se que mesmo publicado em 1900, *Dom Casmurro* foi e continua sendo alvo de estudos, comparações e críticas de diversos leitores, tanto críticos estudiosos profissionais como dos leitores leigos, desde o seu tempo, ou seja, a própria sociedade de sua época até os dias atuais.

Dentre os principais estudiosos críticos do passado estão Matos (1939), que diz que *Dom Casmurro* é classificado pela sua profundidade emocional, pela curiosidade de pensamento e originalidade do tema, sendo o melhor romance de Machado. E Lúcia Miguel-Pereira (1949), que analisa os primeiros romances de Machado de Assis, relacionando-os às atitudes das personagens-protagonistas com as de Machado.

Já dentre os mais atuais críticos estudiosos está Roberto Schwarz (1997), que em sua obra *A poesia envenenada de Dom Casmurro*, analisa a obra de Machado, em forma de enigma, de armadilhas e diz que foi preciso de sessenta anos para que a obra fosse realmente desvendada, fazendo relação com outra estudiosa dos dias atuais, a crítica Helen Caldwell (2002), que afirma que o ciúme nunca deixou de fascinar Machado de Assis, que em suas obras faz pausas para manipular uma manifestação de ciúme de uma forma bem lenta.

E, para que a análise tornasse mais completa, tornou-se relevante o estudo sobre a diferenciação de leitor profissional e leitor leigo, pois ambos são leitores críticos, porém, existem os profissionais, que já tem uma base teórica e são renomados e os leigos, que seria a própria visão da sociedade, os leitores comuns, que apenas querem expor a sua opinião sobre determinada obra. Importante também e principalmente, o estudo sobre o narratário que é a entidade a quem o narrador narra a história, ou seja, é aquele para quem se conta um fato, que mostra que enquanto a existência do narrador é perceptível, a do narratário é menos visível.

E por fim, a metalepse que ocorre quando há no texto a confusão entre o nível de ficção e da realidade.

Durante a análise de *Dom Casmurro*, notou-se que foi lançada na época do realismo brasileiro, uma época em que havia crises sucessivas no regime monárquico, revoltas, agitações militares, lutas de classes sociais divididas, dentre outros. A obra narra assim, em primeira pessoa, a história de Bentinho que, por circunstâncias variadas vai se fechando em si mesmo e passa a ser conhecido como Dom Casmurro. Devido a essa obra, talvez possa ser nesse mistério, que esteja o grande motivo de a narrativa ser tão envolvente e até hoje uma das principais obras da literatura brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ARMANGE, Ana Helena Krause. **O diálogo entre narrador e narratário em contos machadianos e sua contribuição para a significação**. Dissertação em Pós Graduação. Porto Alegre: 2004.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.
- BARDARI, Sérsi. **O narratário**. Data de publicação: 06 de julho de 2010. [HTTP://sersibardari.com.br](http://sersibardari.com.br). Acesso em 17 de outubro de 2012.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999
- CALDWELL, Hellen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis**. In vários escritos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1993.
- COUTINHO, Afrânio. **Machado de Assis na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1990.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.
- Dicionário online de Português. <http://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 16 de outubro de 2012.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: Impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GUIMARÃES, Hélio de S. Dom Casmurro e o leitor lacunar. In: **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- HEINEBERG, Ilana. **Figurações do autor e narração excêntrica em Nodier e Guimarães Júnior**. Université de Bordeaux III – Michel de Montaigne Navegações v. 1, n. 1, p. 41-49, março 2008.
- LAJOLO, Marisa. **Machado de Assis – seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e Crítico por Marisa Lajolo – 3 ed. – São Paulo : Nova Cultural, 1990. (Literatura comentada).**
- LOPES, Lucia Leite Ribeiro Prado. **Machado de A a X: Um dicionário de citações**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- MATOS, Mario. **Machado de Assis: O homem e a obra – As personagens explicam o autor**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

MEYER, Augusto. **Machado de Assis**: 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis**: Ensaios e apontamentos avulsos. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**: Estudo crítico e biográfico. 4. ed. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda, 1949.

PEREIRA, Rubens Alves. **Fraturas do texto** - Machado e seus leitores. São Paulo: Sette Letras, 1999.

PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**: Curso literário em sete conferências na sociedade de cultura artística de São Paulo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis**: Estudo comparativo da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1897.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da Semelhança. In SANTIAGO, Silviano: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto. **A poesia envenenada de Dom Casmurro**. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

## ANEXO

Serão expostos trechos da obra *Dom Casmurro*, publicados na obra de Lopes (2001), como se fosse uma seleção de seus trechos preferidos, o que irá colaborar para o entendimento de tudo que foi abordado durante a pesquisa. Abaixo, estão trechos importantes desta obra intitulados por seus temas.

### Alma

“A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas par todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões. Outrossim, capelas e bazares, simples alpendres ou paços suntuosos” (Dom Casmurro, cap. XIX)

### Amizade

“Um historiador da nossa língua, creio que João de Barros, põe na boca de um rei bárbaro algumas palavras mansas, quando os portugueses lhe propunham estabelecer ali ao pé uma fortaleza, dizia o rei que os bons amigos deviam ficar longe uns dos outros, não perto, para se não zangarem com as águas do mar que batiam furiosas no rochedo que eles viam dali.” (Dom Casmurro, cap. CXVII)

### Amor

“Ela amou o que me afigurava,  
Eu amei a piedade dela.” (Dom Casmurro, cap. LXXII)

### Casamento

“O que se lê na cara de ambos é que, se a felicidade conjugal pode ser comparada à sorte grande, eles a tiraram no bilhete comprado de sociedade. (Dom Casmurro, cap. VII)

### Ciúme

“\_ Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!” (Dom Casmurro, cap. CXXXVIII)

### Consolação

“Há consolações maiores, decerto, e uma das mais excelentes é não padecer esse nem outro mal algum, mas a natureza é tão divina que se diverte com tais contrastes, e aos mais nojentos ou mais aflitos acena com uma flor. E talvez saia assim a flor mais bela; o meu jardineiro afirma que as violetas, para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco.” (Dom Casmurro, cap. XCII)

### Cortesias

“E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que dá índole.” (Dom Casmurro, cap. V)

### Desengano

“(...) levava a cara dos desenganados, como quem empregou em um só bilhete todas as suas economias de esperanças, e vê sair branco o maldito número, – um número tão bonito! (Dom Casmurro, cap. LII)

#### Dissimulação

“Há coisas que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-las cedo. E melhor é naturalmente cedo do que artificialmente tarde.” (Dom Casmurro, cap. XV)

#### Dívida

“Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras tais promessas são como a moeda fiduciária, - ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem.” (Dom Casmurro, cap. LXVII)

#### Dizer

“\_ Há coisas que se não dizem.

\_ Que se não dizem só metade; mas já que disse metade, diga tudo.” (Dom Casmurro, cap. CXXXVIII)

#### Dor

“(...) as dores daquela quadra, a tal ponto se espiritualizaram com o tempo que chegam a diluir-se no prazer. Não é claro isto, mas nem tudo é claro na vida ou nos livros.” (Dom Casmurro, cap. LXXVIII)

#### Dúvida

“\_ Escobar, você é capaz de guardar um segredo

\_ Você que pergunta porque duvida, e nesse caso...” (Dom Casmurro, cap. LXXVIII)

#### Elogio

“Eu, posto não avaliasse todo o valor deste outro elogio, gostava do elogio; era um elogio.” (Dom Casmurro, cap. XXIV)

#### Escrever

“Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.” (Dom Casmurro, cap. XIV)

“Montaigne escreveu de si: ‘ce ne sont pas mes gestes que j’écris; c’est moi, c’est mon essence’. Ora, há só um modo de escrever a própria essência, e contá-la toda, o bem e o mal.” (Dom Casmurro, cap. LXVIII)

#### Esquecer

“A máxima é que a gente esquece devagar as boas ações que pratica, e verdadeiramente não as esquece nunca.” (Dom Casmurro, cap. CXXVII)

“Tenho-me feito esquecer. Moro longe e saio pouco.” (Dom Casmurro, cap. CXLIV)

#### Eternidade

“Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios.” (Dom Casmurro, cap. XXXII)

Eu

“Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo.” (Dom Casmurro, cap. II)

“Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim.” (Dom Casmurro, cap. LXXV)

“Mas o que pudesse dissimular ao mundo, não podia fazê-lo a mim, que vivia mais perto de mim que ninguém.” (Dom Casmurro, cap. CXXXII)

Exagerar

“(…) nada há mais feio que dar pernas longuíssimas a idéias brevíssimas.” (Dom Casmurro, cap. LXVII)

Exibição

“É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê.” (Dom Casmurro, cap. CXIII)

Felicidade

“(…) mas aqui estão os retratos de ambos, sem que o encardido do tempo lhes tirasse a primeira expressão. São como fotografias instantâneas da felicidade.” (Dom Casmurro, cap. VIII)

Fim

“Tudo acaba, leitor; é um velho truísmo, a que se pode acrescentar que em tudo o que dura dura muito tempo.” (Dom Casmurro, cap. CXVIII)

Idéia

“José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servia a prolongar as frases.” (Dom Casmurro, cap. IV)

“Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos.” (Dom Casmurro, cap. XVIII)

Imaginação

“Prazos largos são fáceis de subscrever; a imaginação os faz infinitos.” (Dom Casmurro, cap. XI)

“A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacaras mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo.” (Dom Casmurro, cap. XL)

#### Inspiração

“A insônia, musa de olhos arregalados, não me deixou dormir uma longa hora ou duas; as cócegas pediam-me unhas, e eu coçava-me com alma.” (Dom Casmurro, cap. LV)

#### Interno

“O que aqui esta é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta.” (Dom Casmurro, cap. II)

#### Língua

“Não é que a matéria não ache termos honestos em nossa língua, que é casta para os castos, com pode ser torpe para os torpes.” (Dom Casmurro, cap. LVII)

#### Memória

“A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante.” (Dom Casmurro, cap. LXII)

#### Mentira

“(…) a mentira é, muita vez, tão involuntária como a transpiração.” (Dom Casmurro, cap. XLI)

#### Morte

“(…) o louvor dos mortos é um modo de orar por eles.” (Dom Casmurro, cap. LXVI).

#### Olho

“\_ (...) Você já reparou nos olhos dela. São assim de cigana oblíqua e dissimulada.” (Dom Casmurro, cap. XXV)

“Olhos de ressaca. Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.” (Dom Casmurro, cap. XXXII)

“Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o narrador da manhã.” (Dom Casmurro, cap. CXXIII)

#### Pedir

“E insistia em que pedisse com boa cara, mas assim como quem pede um copo de água a pessoa que tem obrigação de o trazer.” (Dom Casmurro, cap. XVIII)

#### Ponto de vista

“Um dos aforismos de Franklin é que, para quem tem de pagar na páscoa, a quaresma é curta.” (Dom Casmurro, cap. LXXX)

### Preguiça

“Mas vão lá matar a preguiça de uma alma que a trazia do berço e não a sentia atenuada pela vida!”. (Dom Casmurro, cap. XX)

### Purgatório

“Purgatório é uma casa de penhores, que empresta sobre todas as virtudes, a juro alto e prazo curto.” (Dom Casmurro, cap. CXIV)

### Quinze anos

“Aos quinze anos, há até certa graça em ameaçar muito e não executar nada.” (Dom Casmurro, cap. XVIII)

### Ressurreição

“Eu, posto que a idéia da paternidade do outro me estivesse já familiar, não gostava da ressurreição. Às vezes, fechava os olhos para não ver gestos nem nada, mas o diabrete falava e ria, e o defunto falava e ria por ele.” (Dom Casmurro, cap. CXLV)

### Saudade

“(…) mas a saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas.” (Dom Casmurro, cap. XXXIV)

### Sensação

“Creio que a prima Justina achou no espetáculo das sensações alheias uma ressurreição vaga das próprias. Também se goza por influência dos lábios que narram.” (Dom Casmurro, cap. XXII)

### Silêncio

“Seguiu-se um daqueles silêncios, a que, sem mentir, se podem chamar de um século, tal é a extensão do tempo nas grandes crises.” (Dom Casmurro, cap. CXXXVIII)

### Sinceridade

“Era assaz sincera para dizer o mal que sentia de alguém, e não sentia bem de pessoa alguma.” (Dom Casmurro, cap. LXVI)

### Solução

“A morte era uma solução; eu acabava de achar outra, tanto melhor quanto que não era definitiva, e deixava a porta aberta à reparação, se devesse havê-la.” (Dom Casmurro, cap. CXL)

### Soma

“(…) ali ficamos somando as nossas ilusões, os nossos temores, começando já a somar as nossas saudades.” (Dom Casmurro, cap. XLVII)

### Tempo

“Os instantes do diabo intercalavam-se nos minutos de Deus, e o relógio foi assim marcando alternativamente a minha perdição e a minha salvação.” (Dom Camurro, cap. CXVIII)

### Traição

“E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntandose e enganando-me...” (Dom Casmurro, cap. CXLVIII)

### Vaidade

“(...) e a vaidade é um princípio de corrupção.” (Dom Casmurro, cap. XCVII)

“Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também.” (Dom Casmurro, cap. CII)

### Velhice

“Todos nós éramos antigos, e não é preciso dizer no mau sentido, no sentido de velho e acabado.” (Dom Casmurro, cap. CXVII)

### Verdade

“O anseio de escutar a verdade complicava-se em mim com o temor de a saber.” (Dom Casmurro, cap. LXVII)

### Vida

“Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior; que é ruidosa.” (Dom Casmurro, cap. II)

“Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira.” (Dom Casmurro, cap. II)

“A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre, por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente.” (Dom Casmurro, cap. LXVI)